

# COTIDIANO

PALAMO

**Sílvia Rubião Resende**

Curso de Comunicação Social da FAFICH

São duas horas. As paredes quentes guardam a calma do início da tarde. A sala enfumaçada, o sol desbotando as cortinas, os móveis recebendo a poeira do dia seguinte. Um pouco cansada, Helena recosta-se no sofá. Não há mais nada para fazer. A casa arrumada, as crianças na escola, Jorge no trabalho. Acende um cigarro e fixa os olhos no tempo. Os minutos arrastam-se indolentes. A hora é perigosa. Tudo funciona regularmente, mas na preguiça do ar Helena percebe o fim dos dias iguais.

Como era mesmo antes de se casar? Esforça-se. Não alcança o passado ainda próximo. Ela própria erguera uma barreira nebulosa, que turva as imagens perturbadoras. Lágrimas quentes, brotando nos últimos acordes de íntimas gargalhadas. A felicidade sem limites, esmagando a dor profunda das desgraças frágeis. Não. Não se lembrava mais. A sua vida era esta. Segura e sólida, raízes emaranhadas em terreno firme. O apartamento comprado com sacrifício, o homem que amava, as crianças que sempre quis ter. Uma vida racional e coerente, que tecera com fios de amor e vontade. Em cada canto do pequeno apartamento, a forma de suas mãos ásperas, pedaços do corpo deformado, restos da entrega permanente e voluntária. Aos poucos o rosto readquire a serenidade de quem vive em paz. Paz duradoura de momentos

SACAI



plenos, buscados em cada minuto das horas idênticas. Desconhece o inesperado e o surpreendente. Não importa, teme-os na verdade.

Seis horas. Helena já havia buscado as crianças no colégio. No caminho de volta, ouvira paciente o que cada uma tinha para contar: o botão da jardineira que caíra, o dinheiro para a excursão (não pode esquecer, mãe), a boneca que chora e faz xixi que a colega ganhou (no meu aniversário quero uma igual), a pesquisa de ciências, já havia respondido sim a todas as perguntas, trocado os uniformes das crianças por roupas de brincar, e estas já se encontravam no pátio do edifício. Agora os gritos de ô mãeeê entram pela janela. Sorri. Dali mesmo, resolve de quem é a vez de andar de bicicleta. Não. Não podem comprar chocolate. Já está quase na hora do jantar. Deixa-se ficar ali ainda alguns instantes, debruçada sobre os gerânios que ela mesma plantara. Com as mãos férteis revolve as raízes grudadas na terra fofa. As cabecinhas lá embaixo vão e voltam como pequenos brinquedos de corda. A perfeição existe e está ao seu alcance: mágica ingênua das coisas mais simples. Procura uma estrela no céu, mas ainda é cedo. Fecha as cortinas. Na boca, leite e mel. Volta para o livro deixado no sofá. Estranha as palavras do texto. Onde mesmo havia parado? Seus olhos oscilam entre o relógio e a porta. Daqui a pouco, a chave girando na fechadura. Mesmo assim Jorge chega de repente. O rosto suado, a gravata na mão. Um beijo, o paletó e a pasta sobre a poltrona. Helena pergunta como foi o dia. Ele responde qualquer coisa que ela não se esforça para entender. Perguntou só por perguntar; talvez para certificar-se de que tudo corria normalmente. Os olhos agora se espalham sobre Jorge. Balançam serenos, ancorados em terra firme. Recosta a cabeça nos ombros fortes e respira fundo. Ao toque das mãos pesadas, suas células despertam refeitas, plenas de calor e força.

As crianças irrompem na sala sujas e famintas. O jantar está servido. Todos estão cansados, e Helena cada vez mais desperta, atenta ao escoar do tempo. Os olhos tensos exalam uma energia iluminada. Um, dois, três, quatro. Os quatro

rostos refletidos nas travessas de aço inoxidável. Helena ergue a mão devagar, espanta a mosca que ronda os pratos e tenta segurar o momento. Espreme-o, e ele escorre entre os dedos trêmulos. Tenta contê-lo. Esfumaça-se, engrossando o vapor do feijão. Não, ninguém quer mais nada. Todos estão satisfeitos. As crianças já estão à espera do elevador. Começa o telejornal.

Meia-noite. Lá fora a lua alta desvenda os mistérios da noite. Dentro a casa dorme. Deitada, os olhos fixos no teto, Helena morde os lábios com força. Está próximo o fim dos dias iguais. Momentos breves, alados, fugidios. Já não consegue captá-los. Torna-se cada vez mais difícil emendar os retalhos de sua essência. A monotonia em pedaços, a constância esfarelada no chão. O medo está em cada dobra do lençol. Dorme.

Um ruflar de asas desperta-a eriçada de pavor. O corpo molhado, os dedos crispados no travesseiro. Amassadas e úmidas, grudadas em suas mãos, as penas macias de uma ave gigantesca. Nas costas o sangue escorre gelado. Ainda pode sentir as garras que há pouco penetraram a escuridão de sua carne adormecida. Vira-se e olha em torno. Não enxerga as paredes do quarto. Pelo teto entram ralos fios de luz. Mas alguns minutos e percebe a copa fechada de uma árvore. Um teto de folhas suspenso por galhos rígidos. Uma brisa fina refresca-lhe o corpo. Helena relaxa os músculos tesos. O ninho é macio e quente.